



«Samanta Schweblin é uma das vozes
mais prometedoras da literatura
moderna em língua espanhola.»

Mario Vargas Llosa

Samanta Schweblin

**DISTÂNCIA DE
SEGURANÇA**

Finalista do Man Booker Internacional 2017

Para a minha irmã Pamela

«Pela primeira vez em muito tempo, baixou os olhos e fitou as mãos. Se já tiveram esta experiência, saberão a que é que me refiro.»

JESSE BALL, *The Curfew*

É como se fossem vermes.
— Que tipo de vermes?
— Como vermes, em todo o lado.

É o rapaz quem fala, diz-me estas palavras ao ouvido.
Sou eu quem pergunta.

Vermes no corpo?

Sim, no corpo.

Minhocas?

Não, outro tipo de vermes.

Está escuro e não consigo ver. Os lençóis são ásperos, pregueiam-se-me por sob o corpo. Não me consigo mexer, digo.

É por causa dos vermes. Temos de ser pacientes e aguardar. E enquanto esperamos temos de encontrar o ponto exato em que nascem os vermes.

Porquê?

Porque é importante, é muito importante para todos.

Tento assentir, mas o corpo não responde.

Que mais se passa no jardim da casa? Eu estou no jardim?

Não, não estás, mas a Carla está, a tua mãe. Conheci-a há uns dias, logo que chegámos à casa.

O que está a fazer a Carla?

Acaba o café e deixa a chávena nas ervas, junto à espreguiçadeira.

E que mais?

Levanta-se e afasta-se. Esquece-se das sandálias, que estão uns metros mais para lá, nas escadas da piscina, mas não lhe digo nada.

Porquê?

Porque quero esperar para ver o que faz.

E o que é que faz?

Mete a carteira ao ombro e afasta-se com o seu biquíni dourado em direção ao carro. Há um certo fascínio mútuo entre nós e, em contraste, breves lapsos de repulsa, posso senti-los em situações muito precisas. Tens a certeza de que estas observações são necessárias? Temos tempo para isto?

As observações são muito importantes. Porque é que estão no jardim?

Porque acabámos de voltar do lago e a tua mãe não quer entrar na minha casa.

Quer evitar problemas.

Que tipo de problemas? Tenho de entrar e sair uma e outra vez, primeiro para ir buscar as limonadas, depois o protetor solar. Não me parece que isto seja evitar-me problemas.

Porque é que foram até ao lago?

Ela quis que a ensinasse a conduzir, disse-me que sempre quisera aprender, mas, uma vez no lago, nenhuma das duas teve a paciência necessária.

Que está a fazer agora, no jardim?

Abre a porta do meu carro, senta-se ao volante e fica a procurar durante algum tempo na carteira. Eu desço as pernas da espreguiçadeira e espero. Está demasiado calor. Depois a Carla cansa-se de procurar e agarra o volante com ambas as mãos. Fica assim durante alguns momentos, a olhar para o portão, ou talvez para a sua casa, muito para lá do portão.

E que mais? Porque ficas em silêncio?

É que estou ancorada neste relato, vejo tudo perfeitamente, mas às vezes custa-me avançar. Será por causa do que as enfermeiras me andam a injetar?

Não.

Mas vou morrer em poucas horas, é o que vai acontecer, não é? É estranho estar tão calma. Porque, embora não mo digas, eu já sei, e no entanto é impossível dizermo-nos uma coisa assim.

Nada disso importa. Estamos a perder tempo.

Mas é verdade, não é? Que vou morrer.

Que mais acontece no jardim?

A Carla encosta a testa ao volante e os ombros sacodem-se-lhe um pouco, começa a chorar. Achas que poderíamos estar perto do ponto exato em que nascem os vermes?

Continua, não te esqueças dos detalhes.

A Carla não faz qualquer barulho, mas consegue fazer com que me levante e caminhe até ela. Gostei dela logo desde o início, desde o dia em que a vi carregando dois

grandes baldes de plástico ao sol, com o seu grande coque ruivo e as suas jardineiras de ganga. Não via ninguém usar aquilo desde a adolescência e fui eu quem insistiu com as limonadas e a convidou a tomar um mate na manhã seguinte, e na seguinte, e na seguinte também. Estes detalhes são importantes?

O ponto exato está num detalhe, temos de ser observadores.

Atravesso o jardim. Quando contorno a piscina, olho para a sala e confirmo através da janela que a Nina, a minha filha, ainda dorme, abraçada à sua grande toupeira de peluche. Entro no carro pelo lado do passageiro. Sento-me, mas deixo a porta aberta e abro a janela, porque está muito calor. O grande coque de Carla está ligeiramente caído, desmanchado para um dos lados. Apoia a cadeira no banco, ciente de que estou ali, outra vez ao lado dela, e olha para mim.

— Se eu te contar — diz —, não vais querer voltar a ver-me.

Penso no que devo dizer, qualquer coisa como «mas, Carla, por favor, não sejas ridícula», mas em vez disso observo os seus dedos dos pés, tensos sobre os pedais, as pernas longas, os braços magros mas fortes. Desconcerta-me que uma mulher dez anos mais velha que eu seja tão mais bela.

— Se eu te contar — diz —, não vais querer que ele brinque com a Nina.

— Mas, Carla, por favor, claro que vou querer.

– Não vais querer, Amanda – diz, e os olhos enchem-se-lhe de lágrimas.

– Como se chama?

– David.

– É teu? É o teu filho?

Assente. Esse filho és tu, David.

Eu sei, continua.

Limpa as lágrimas com os nós dos dedos e as suas pulseiras douradas ressoam. Eu nunca te tinha visto, mas quando comentei com o senhor Geser, o caseiro da casa que arrendámos, que andava a ver a Carla, ele perguntou-me logo se já te tinha conhecido. A Carla disse:

– Era meu. Agora já não.

Olhei para ela, sem perceber.

– Já não me pertence.

– Carla, um filho é para toda a vida.

– Não, querida – diz. Tem as unhas longas e apontadas para mim, à altura dos olhos.

Então lembro-me dos cigarros do meu marido, abro o porta-luvas e passo-lhos, com o isqueiro. Quase mos arranca das mãos e o perfume do seu protetor solar desloca-se também entre nós.

– Quando o David nasceu, era um sol.

– Claro que sim – digo, e percebo que é altura de ficar calada.

– Quando mo deram pela primeira vez para o colo, afligi-me muitíssimo. Estava convencida de que lhe faltava

um dedo. — Segura o cigarro com os lábios, sorrindo por causa da memória, e acende-o. — A enfermeira disse que essas coisas às vezes acontecem, por causa da anestesia, as pessoas precipitam-se um pouco, e enquanto não contei duas vezes os dez dedos das mãos não fiquei convencida de que tinha corrido tudo bem. O que eu não daria agora para que ao David lhe faltasse simplesmente um dedo.

— O que é que o David tem?

— Mas era um sol, Amanda, juro que era um sol. Sorria todo o dia. Do que mais gostava era estar na rua. A praça deixava-o louco, desde pequenino. Já viste que aqui não dá para circular com o carrinho. Na aldeia sim, mas daqui até à praça temos de andar entre as casas de campo e as choupanas dos caminhos. É uma complicação com a lama, mas ele gostava tanto que até aos três anos eu carregava-o até lá ao colo, ao longo de 12 quarteirões. Quando via o escorrega, começava aos gritos. Onde é o cinzeiro deste carro?

É debaixo do painel. Puxo-o pela base e passo-lho.

— Então o David ficou doente, com esta idade, mais ou menos, há uns seis anos. Foi numa altura complicada. Eu tinha começado a trabalhar na casa do Sotomayor. Era a primeira vez na vida que trabalhava. Fazia-lhe a contabilidade, que de contabilidade na verdade não tinha nada. Digamos que lhe organizava os papéis e o ajudava a fazer as contas, mas aquilo entretinha-me. Andava a tratar de coisas pela aldeia, bem vestida. Para ti, que vens

da capital, é diferente, aqui temos de ter desculpas para o glamour, e esta era a desculpa perfeita.

– E o teu marido?

– O Omar criava cavalos. É assim mesmo como estás a ouvir. Era diferente, o Omar.

– Acho que o vi ontem quando fomos dar um passeio com a Nina. Passou com a camioneta, mas não respondeu quando lhe acenámos.

– Sim, o Omar agora é assim — diz a Carla, abanando a cabeça. — Quando o conheci, ainda sorria, e criava cavalos de corrida. Tinha-os do outro lado da aldeia, depois do lago, mas quando fiquei grávida mudou tudo para aqui. Esta casa era dos meus pais. O Omar dizia que quando a apanhasse nos íamos encher de dinheiro e remodelar isto tudo. Eu queria pôr alcatifa na casa. Sim, é uma loucura quando vives onde eu vivo, mas estava tão entusiasmada. O Omar tinha duas éguas de luxo, de que nasceram a *Tristeza Cat* e a *Gramuza Fina*, já vendidas, que corriam e ainda correm em Palermo e San Isidro. Depois nasceram outras duas, e um potro, mas desses já não recordo os nomes. Para que o negócio corra bem, tens de ter um bom garanhão, e ao Omar emprestavam-lhe o melhor. Cercou parte do terreno para as éguas, fez um curral lá atrás para os potros, plantou alfafa, e depois foi montando o estábulo com mais calma. Estava combinado que ele pedia o garanhão e lho davam por dois ou três dias. Quando os potros eram vendidos,

um quarto do dinheiro ia para o dono do garanhão. É muito dinheiro, porque, se o garanhão é bom e os potros estão bem tratados, é possível vender cada um por entre 200 mil e 250 mil pesos. De modo que tínhamos esse bendito cavalo conosco. O Omar ficava o dia todo a olhar para ele, seguia-o como um *zombie* para contar quantas vezes subia a cada égua. Para sair, esperava que eu viesse lá do Sotomayor, e então cabia-me a mim, que mal o fisgava a cada tanto da janela da cozinha, como podes imaginar. Acontece que uma tarde estou a lavar os pratos e apercebo-me de que já não vejo o garanhão há algum tempo. Vou até à outra janela, e à outra, por onde dá para ver lá para trás, e nada: vejo as éguas, mas nem sinal do garanhão. Pego no David, que então já dava os seus primeiros passos e tinha estado todo aquele tempo a tentar seguir-me pela casa, e saio. Não há muitas voltas a dar a uma coisa destas, um cavalo ou está ou não está. Evidentemente, por qualquer razão, tinha saltado a cerca. É raro, mas às vezes acontece. Fui até ao estábulo a rezar a Deus para que estivesse ali, mas também não estava. Precipitei-me até ao riacho, que é pequenino, mas mais abaixo. Um cavalo poderia estar ali a beber água e uma pessoa nem o conseguir ver desde casa. Lembro-me que o David me perguntou o que se passava, peguei nele ao colo antes de sair de casa e foi abraçado ao meu pescoço, a voz entrecortando-se-lhe pelos passos largos que eu dava de um lado para o outro. «Tá-li, mãezinha»,

disse o David. E ali estava o garanhão, a beber água no riacho. Agora já não me chama «mãezinha». Descemos e o David quis que o deixasse em casa. Disse-lhe para não se aproximar do cavalo. E fui dando passinhos curtos em direção ao animal. Às vezes afastava-se, mas fui paciente e passado um tempo acabei por ganhar a sua confiança. Consegui agarrá-lo pelas rédeas. Que alívio, lembro-me perfeitamente, suspirei e disse em voz alta «se te perdesse, perdia também a casa, desgraçado». Vês, Amanda, é como o dedo que pensei que faltava ao David. A gente diz «perder a casa seria pior», e depois há coisas piores e a gente daria a casa e a vida para voltarmos a esse momento e soltarmos as rédeas desse maldito animal.

Oiço a porta mosquiteira da sala a bater e voltamo-nos as duas para a minha casa. A Nina está à porta, abraçada à toupeira. Está ensonada, tão ensonada que nem sequer parece assustada por não nos ver em nenhum lado. Dá uns passos, sem soltar o peluche agarra-se ao corrimão e concentra-se em descer os três degraus da galeria, até pisar as ervas. A Carla volta a recostar-se no banco e observa-a pelo espelho retrovisor, em silêncio. A Nina olha para os pés. Está a fazer essa coisa nova que faz desde que chegámos, aquilo de tentar arrancar as ervas esticando e contraindo os dedos dos pés.

— O David estava agachado no riacho, tinha os ténis encharcados, mergulhara as mãos na água e estava a chupar os dedos. Então vi o pássaro morto. Estava muito

perto, a um passo do David. Gritei-lhe, assustada, e ele assustou-se também, levantou-se logo e caiu de rabo com o susto. Meu pobre David. Aproximei-me, arrastando o cavalo, que relinchava e não me queria seguir, e arranjei-me como pude para carregá-lo só com uma mão e lutar com os dois para trepar até lá acima. Não contei nada disto ao Omar. Para quê? A merda já estava feita e emendada. Mas no dia seguinte o cavalo amanheceu deitado. «Não está», disse o Omar, «fugiu», e estive quase a dizer ao Omar que já tinha fugido uma vez, mas ele pressentiu-o deitado no meio do pasto. «Merda», disse. O garanhão tinha as pálpebras tão inchadas que não se lhe viam os olhos. Tinha os lábios, os buracos do nariz, toda a boca tão inchada que parecia outro animal, uma monstruosidade. Mal tinha forças para se queixar e o Omar disse que o coração dele palpitava como uma locomotiva. Mandou ligar com urgência ao veterinário, vieram alguns vizinhos, toda a gente preocupada a correr de um lado para o outro, mas eu voltei desesperada para casa, tirei o David, que ainda estava a dormir, do berço, e fechei-me no quarto, em cima da cama, com ele nos braços a rezar. Rezei como uma louca, rezei como nunca tinha rezado na vida. Deves estar a pensar porque é que não fui a correr ao consultório em vez de me fechar no quarto, mas às vezes não há tempo para confirmar o desastre. Fosse o que fosse que o cavalo tivesse bebido, o meu David bebera o mesmo, e se o cavalo estava a

morrer, ele não tinha hipóteses. Soube-o com toda a clareza, porque já tinha ouvido e visto demasiadas coisas nesta aldeia: tinha poucas horas, talvez minutos, para encontrar uma solução que não fosse esperar meia hora por um médico rural que nem sequer chegaria a tempo ao consultório. Precisava de alguém que salvasse a vida ao meu filho, custasse o que custasse.

Espreito outra vez a Nina, que dá agora uns passos em direção à piscina.

– É que às vezes todos os olhos são poucos, Amanda. Não sei como não o vi, por que merda de motivo estava preocupada com a porcaria de um cavalo em vez de me preocupar com o meu filho.

Pergunto-me se me poderia acontecer o mesmo que à Carla. Eu penso sempre no pior dos casos. Agora mesmo estou a calcular quanto tempo demoraria a sair a correr do carro e a chegar até junto da Nina se ela de repente corresse até à piscina e se atirasse. Chamo-lhe «distância de segurança», é assim que chamo a essa distância variável que me separa da minha filha, e passo metade do dia a calculá-la, embora arrisque sempre mais do que devia.

– Quando decidi o que fazer, não havia volta a dar, quanto mais pensava nisso mais me parecia ser a única saída possível. Peguei no David, que chorava suponho que por causa da minha própria aflição, e saí de casa. O Omar estava a discutir com dois homens à volta do cavalo e de vez em quando levava as mãos à cabeça.

« Eu penso sempre no pior dos casos. Agora mesmo estou a calcular quanto tempo demoraria a sair a correr do carro e a chegar até junto da Nina se ela de repente corresse até à piscina e se atirasse. Chamo-lhe "distância de segurança", é assim que chamo a essa distância variável que me separa da minha filha, e passo metade do dia a calculá-la, embora arrisque sempre mais do que devia.»

Amanda está às portas da morte numa cama de hospital. A seu lado, a fazer-lhe companhia, está um menino chamado David. Juntos, contam-nos uma história de toxinas, desespero e do poder da família.

Num apaixonante primeiro romance, Samanta Schweblin coloca-nos repetidamente perante questões que optamos por evitar: Existe algum apocalipse que não seja pessoal? Qual é o ponto exato em que, sem o sabermos, damos um passo em falso e nos condenamos? Até onde nos é possível controlar o mundo em redor? *Distância de Segurança* é um relato hipnótico e vertiginoso sobre o amor e a perda, sem medo de mostrar que nada é um cliché quando, no final, acaba por nos acontecer.

«Genial.»

The New Yorker

«Schweblin dá-nos uma lição de mestre acerca de medo e suspense.»

The Economist

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-999-8864-23-9



9 789898 864239

Literatura Traduzida

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT